



ISSN 1981 - 3031

ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Edna Telma Fonseca e Silva Vilar (UFAL)
ednatelma@yahoo.com.br

RESUMO

Por que ensinar e aprender Geografia na Educação de Jovens e Adultos? Qual/is o/os sentido/os da educação geográfica para alunos/as trabalhadores? Quais temáticas socioespaciais são mais significativas para os educandos/as da EJA? Com quais materiais didáticos podem ser abordadas? Estas questões são discutidas neste artigo, dialogando-se com professoras que atuam em uma escola pública municipal em Maceió/AL e com pesquisas que discutem o ensino de Geografia na EJA focalizando práticas (MARTINS, 2006); análise de propostas curriculares e materiais didáticos (SANTOS, 2008), a 'função alfabetizadora da Geografia' (PEREZ, 2005); as contribuições dos conceitos geográficos para a leitura e compreensão do mundo (BOGO & STEIN, 2008). Referencia-se em (FREIRE, 2005) e SANTOS (2004) para discutir os sentidos do ensinar e aprender conhecimentos geográficos com os jovens e adultos, sugerindo-se que tais conhecimentos podem contribuir para a construção de uma nova cidadania a ser vivida no âmbito da escola, da cidade e em outras escalas geográficas, em que os diversos modos de habitar dos sujeitos possam ser conhecidos e discutidos, desencadeando modos de atuar no espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação geográfica – Educação de Jovens e Adultos – Materiais didáticos

1. Introdução

Quem são os sujeitos Jovens e Adultos que estão nos espaços de educação formal ou não formal na contemporaneidade? De onde vêm? Como percebem a sua espacialidade? Que geografias os constituem? Em 1986, o clássico trabalho de Resende - "A geografia do aluno trabalhador" - sugere que Geografia, Trabalho e Cultura interseccionam-se na formação/atuação dos sujeitos.

A referida obra evidencia a importância da escola formal para as classes populares, assim como a necessidade de redefinir conteúdos e metodologias na

perspectiva de criação de alternativas pedagógicas que, no ato de ensinar, possibilitem a (re)construção dos saberes dos educandos/as, referentes as suas geografias e que por sua vez integram sua história de vida com seus deslocamentos, vivências e leituras espaciais, nas mais diversas subjetividades.

O presente trabalho visa discutir como a Geografia, por meio de seus conceitos, pode contribuir para a leitura e compreensão do mundo ao qual pertencem os sujeitos jovens e adultos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Ressalta a importância da Geografia na EJA e a necessidade de uma prática diferenciada do seu ensino, evidenciando o papel do professor e a (oni)presença dos conhecimentos geográficos no cotidiano dos educandos/as jovens e adultos.

Considerando-se que a secundarização da disciplina escolar Geografia é recorrente em níveis de ensino fundamental (notadamente na Educação de Jovens e Adultos quando a centralidade da alfabetização resume-se a leitura e a escrita da palavra como código e, portanto, como atividade de decodificação) em contraposição a constatação/orientação freireana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Faz-se aqui uma tessitura argumentativa em favor de um sentido ampliado para a leitura e a escrita no âmbito da leitura da realidade.

Nessa perspectiva, delinea-se um convite-desafio que pode ser (re)pensado a partir dos sentidos atribuídos ao processo de alfabetização em que Perez (2005) esclarece:

Pensar o ensino de Geografia a partir de sua função alfabetizadora é articular a leitura do mundo à leitura da palavra, na perspectiva de uma política cultural – cultura aqui entendida como a relação do ser humano com o seu entorno – que instrumentalize as classes populares a saberem pensar o espaço, para nele se organizarem na luta contra a opressão e a injustiça (PEREZ, 2005, p. 18).

Nesse sentido, a função alfabetizadora da geografia implica na inserção/participação dos sujeitos em que os conhecimentos e posicionamentos encontram-se em relação dinâmica. Conforme sugere kaercher (2001, p. 83) “estar alfabetizado em Geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade, isto é, perceber os aspectos econômicos, políticos e culturais, entre outros, do mundo em que vivemos.”

As categorias geográficas lugar, paisagem, território e espaço geográfico devem provocar as leituras da realidade, do mundo e do espaço geográfico dos educandos/as da

EJA. Para Bogo & Stein (2008) os conceitos geográficos se apresentam como possibilidade de leitura e compreensão do mundo.

Kaercher (2001) posiciona-se também afirmando que a finalidade do ler e escrever a/em geografia é “[...] para dizer a sua palavra e construir o seu espaço” (id., p. 73), pressuposto que deve ser assumido pelos professores nas aulas de geografia. Trata-se de instigar os alunos a exercitarem-se na leitura de mundo e a expressarem seus entendimentos e saberes geográficos. Destaca que, “[...] ler e escrever em Geografia é ler o mundo de maneira que o aluno saiba situar-se (e não só localizar-se e descrever) e posicionar-se. [...] um posicionamento crítico com relação às desigualdades socioespaciais” (id., p. 83).

Em linha analítica convergente à de Kaercher (2001), Reichwald Jr. (2001) historiciza a respeito da leitura e escrita na geografia, apontando as categorias/conceitos geográficos de lugar, paisagem e território como “[...] referências para lermos o mundo através do espaço que reflete tempos e linguagens” (id., p. 70). Para este desafio, faz-se necessário o uso da literatura, do trabalho de campo, da pesquisa bibliográfica variada e de fontes midiáticas diversas, alertando o/a professor/a em relação à postura que deverá adotar, destacando que, “[...] cabe ao/a professor/a ser leitor/a dessas fontes e proporcionar aos alunos e alunas acesso a essas diferentes leituras” (id. p, 72).

Por onde iniciar a leitura do mundo? Quais temáticas socioespaciais são mais significativas para os educandos/as da EJA? Com quais materiais didáticos podem ser abordadas? Em resposta a estes questionamentos, recorre-se aos resultados apresentados em pesquisas realizadas por Moura & Freitas (2009); Santos (2008); Martins (2006) e à representação discursiva de professoras que atuam na EJA (primeiro segmento) em uma escola pública municipal de Maceió/AL.

2. Evidências contextuais entre a EJA e a Geografia?

Nesse tópico, discute-se a relação entre a EJA e a Geografia na perspectiva das pesquisas realizadas por estudiosos dessa temática. Assim, temos um estudo realizado por Moura & Freitas (2009) em que analisam os olhares e dizeres dos sujeitos da EJA a respeito dos livros didáticos (LDs), focalizando as categorias currículo, cultura e diversidade. As falas dos educandos/as são bastante elucidativas, considerando que se trata do contexto alagoano e que as mesmas apontam para aspectos importantes do ensinar e aprender Geografia.

Cabe destacar que, embora o foco dos olhares e dizeres estivesse voltado para o livro didático na referida pesquisa, a indagação feita aos educandos/as sobre “Como eles se vêem e como vêem retratadas suas vidas nos LDs utilizados na escola” (MOURA & FREITAS, 2009, p. 4775) pode auxiliar na direção de se (re)pensar conteúdos, metodologias e materiais didáticos para esta modalidade, notadamente para o trabalho com os conhecimentos geográficos.

As referidas pesquisadoras destacam que os educandos/as “entendem que os LDs poderiam trazer mais situações de suas vidas e retratar a realidade em que vivem [...]. A gente não estudou sobre Alagoas nos livros”.

Dos sujeitos coordenadores da EJA, destacou-se da citada pesquisa o seguinte excerto: [...] “a gente precisa pensar muito o que é essa realidade do aluno. A realidade é o bairro onde ele mora? Ou tem todo o entorno, ou tem toda uma questão mais [...] geográfica, mais distante? É preciso pensar muito essa questão” (MOURA & FREITAS, 2009, p. 4782). Conforme analisaram as pesquisadoras,

As coordenadoras endossam a discussão de Freire (2006) quando defende que o regional emerge do local tal qual o nacional surge do regional e o continental do nacional como o mundial emerge do continental. Assim como é errado ficar aderido ao local, perdendo-se a visão do todo, errado é também pairar sobre o todo sem referência ao local de onde se veio. (MOURA & FREITAS, 2009, p. 4782).

Entretanto, cabe problematizar esse discurso a partir de Freire (2005) quando se refere à necessidade de transitar-se por diversas escalas geográficas, instigando-nos a refletir sobre outras questões relacionadas à identidade, cultura, pertencimento, apontando para o envolvimento dos sujeitos com a construção e entendimento das diversas espacialidades. Para Freire (1995):

Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso. Eu não sou antes brasileiro para depois ser recifense. Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo. (FREIRE, 1995, p. 25)

O local em Geografia manifesta-se a partir do global, da totalidade-mundo que se faz presente nos diversos lugares dos sujeitos e é por meio de análises possibilitadas pela categoria “lugar” que os sujeitos se espriam, se mundializam, se experienciam como gente do mundo, em outras palavras se universalizam. Nesse sentido, o lugar constitui-se, por excelência, como espaço existencial do acontecer humano.

Retomando à fala da coordenadora, indaga-se a respeito da ‘questão geográfica’ apontada como ‘mais distante’. Afinal, não seria esta uma concepção construída e intimamente relacionada ao modo como a Geografia vem sendo abordada nas turmas de EJA? A Geografia não tem sido uma disciplina distante para os educandos/as, sem que se estabeleça nenhuma relação com o cotidiano dos educandos/as, tampouco tem servido para problematizar/explicar a realidade? O sentido de distância em Geografia está associado aos acessos dos sujeitos aos lugares, aos conhecimentos, enfim, a sua espacialidade.

Santos (2004) refere-se a um saber-pensar e saber-agir no espaço a partir do que se conhece, do que se aprendeu sobre o mundo, sobre as formas de organização espacial. Nesse sentido, o espaço geográfico abarca as relações sociedade-natureza, sociedade-cultura, homem-homem.

Em pesquisa realizada por Santos (2008) em que analisa o conteúdo geográfico presente nos materiais didáticos do *ProJovem* e da *Coleção Cadernos de EJA* – ambos produzidos no âmbito do governo federal - a respeito de que concepções curriculares veiculam, afirma haver um hibridismo nas propostas, destacando que:

enquanto o *ProJovem* se caracteriza por um currículo prescritivo cujo conteúdo geográfico se mostra pouco denso e mais próximo da vertente humanista fenomenológica, a *Coleção Cadernos de EJA* tem como base uma proposta curricular que aposta na autonomia docente e na corrente crítica do pensamento geográfico (SANTOS, 2008, p. 7).

Nesse sentido, reafirma-se que os professores precisam exercitar sua autonomia em situações de produção e escolha de materiais; na mediação com o conhecimento específico dos saberes; no sentido de possibilitar a construção de conhecimentos pelos educando/as.

Martins (2006), analisando experiência desenvolvida no âmbito do Programa Alfabetização Solidária no município de Batalha/AL em que a obra literária ‘Vidas Secas’ foi o mote para o trabalho, destaca a contribuição que o texto literário e outras linguagens - o desenho, a obra de arte, a fotografia; as letras de músicas, dentre outras - possibilitam no processo de ensino-aprendizagem do conhecimento geográfico.

O trabalho com ‘fichas temáticas’¹ produzidas pelos alfabetizadores a partir do referido livro possibilitou aos educandos/as o contato com a linguagem cartográfica; explorar aspectos relacionados às habilidades de representação e localização e a discussão de conceitos.

Na experiência narrada por Martins (2006), a formação dos educadores/as e educandos/as - por meio da leitura do texto literário - possibilitou aos sujeitos, exercitarem a sua espacialidade, criatividade e criticidade.

3. O discurso das professoras da EJA no âmbito da Geografia

Este tópico emerge a partir de um questionário piloto, respondido por professoras que atuam na EJA (primeiro segmento) em uma escola pública municipal da cidade de Maceió-AL. O cerne deste procedimento metodológico configurou-se em questioná-las sobre o modo como trabalham a Geografia com os educandos/as e quais textos utilizam ou consideram mais apropriados para o estudo do espaço geográfico.

Das professoras veio a confirmação de que a inserção da área de estudos da sociedade e da natureza nas salas de aula de EJA dá-se por meio de projetos trabalhados, esparsamente, cuja temática encontra-se voltada para o lugar enquanto *locus* da manifestação de aspectos físicos: “a exemplo do projeto Maceió: trabalha-se clima, relevo, longitude, mapas, etc.”, conforme afirmou uma professora.

Outra professora afirma trabalhar Geografia com os alunos focando suas práticas cotidianas de deslocamento, sempre associadas aos lugares com sua diversidade de funções, como por exemplo: o trabalho e a escola.

As professoras afirmam que trabalham a Geografia contextualizando com as demais áreas, justificando a necessidade de sua presença no currículo e na sala de aula de EJA: “a geografia está e faz parte do contexto educativo, social, cultural, político, enfim, faz parte do currículo”. A fala da professora é bastante reveladora, uma vez que evidencia o conhecimento dialético referente a Geografia. Entretanto, esta clareza parece ser limitada quando da escolha de materiais que possibilitem a vivência inerente ao contexto socioespacial e a sua problematização.

¹ Material produzido pelos professores e não distribuído aos alunos, cuja estrutura apresentava: cabeçalho contendo o nome do tema e das disciplinas contempladas, questões problematizadoras; objetivos, atividades e texto didático sobre os conteúdos abordados.

A respeito dos recursos e/ou textos que costumam utilizar ou que consideram mais apropriados para o estudo do espaço geográfico, os mais destacados, quando não os únicos, são os gráficos, os textos didáticos/informativos, os mapas, as notícias de jornais e, para surpresa nossa, as imagens/fotografias também foram apontados como textos de uso ou considerados apropriados para os estudos geográficos.

Dentre os textos mencionados são as narrativas literárias, a literatura de cordel, as charges e os folhetos de propagandas, os menos utilizados e considerados apropriados a discussão do espaço geográfico.

A leitura dos dados possibilita-nos fazer algumas inferências indagativas. Afinal, as narrativas/textos literários não estariam sendo vistas pelas professoras apenas como leitura de ficção? As imagens/fotografias, apesar de serem recursos mais difíceis de serem trabalhados com os educandos/as, não estariam presentes em sua lista de escolhas pelo aspecto de representação mais próxima da realidade? E as notícias de jornais, os mapas e gráficos seriam os textos que mais se aproximam dos aspectos da localização, do cotidiano, dos usos nas mídias impressa e televisiva?

Percebe-se que as professoras concebem a Geografia escolar como uma disciplina que apresenta dados e informações sobre lugares para que sejam memorizados e não como uma maneira específica de raciocinar e de interpretar a realidade e as relações espaciais. Provavelmente, esta condição está associada ao fato de que ainda não tiveram acesso a outras discussões possibilitadoras de novas concepções e práticas.

4. Geografia na EJA: alternativas para os atos de ensinar e aprender.

Considerando as pesquisas referenciadas neste trabalho, ressalta-se, que as alternativas explicitadas nesta seção, advêm das indicações das professoras e dos pesquisadores com os quais dialogamos. Na perspectiva de responder às questões que se seguem - Quais temáticas socioespaciais são mais significativas para os educandos/as da EJA? Com quais materiais didáticos podem ser abordadas? – apresentam-se algumas sugestões referentes a conteúdos/temáticas e metodologias.

Depreende-se dos dados que a ‘cidade’² apresenta-se como conteúdo a ser ensinado no contexto da EJA. Nessa direção, o cotidiano e o lugar de vivência de educandos/as e educadores são referências fundamentais, reafirmando-se a necessidade de se recuperar a produção geográfica do espaço alagoano.

A cidade não é apenas pre/texto e sim contexto para que os educandos/as da EJA reflitam sobre os conceitos de lugar, território, paisagem e espaço geográfico. Eles precisam conhecer melhor a cidade em que moram, trabalham e estudam, entendendo-a como espaço de projetos sociais e políticos diversos e, por vezes, contraditórios.

Questões relacionadas à dinâmica de ocupação, segregação e expansão da cidade de Maceió e/ou outras do estado alagoano também devem ser discutidas na sala de aula. De acordo com Castellar (2009)

o estudo da cidade contribui na formação dos conceitos de identidade e de lugar, expressos de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação entre valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural. Permite, também, entender os arranjos espaciais oriundos das situações migratórias, que marcam suas identidades por meio de atividades culturais e religiosas, que ocupam, muitas vezes, os espaços públicos e que, via relações interfamiliares, compõe parte significativa do acervo cultural urbano e da experiência de vida do aluno (CASTELLAR (2009, p. 12).

A orientação de que os conteúdos sejam abordados nas diferentes escalas geográficas revela, inclusive, a permanente tensão de processos locais e globais. Remetendo a necessidade de utilizar-se de recursos didáticos também diversos, dentre eles, as fotografias, reportagens, vídeos e outras imagens e linguagens. Nessa direção, as paisagens próximas ou mais distantes podem ser problematizadas

O professor de EJA pode recorrer à leitura de literatura como contributo a leitura do espaço geográfico. Temas sociais contemporâneos como turismo; prostituição infantil; modo de vida urbano; trabalho e consumo são pertinentes a discussão da espacialidade, favorecendo o entendimento da relação sociedade-natureza de modo mais integrado.

A leitura de textos literários que contemplem a perspectiva de discutir problemáticas espaciais pode contribuir para a problematização e entendimento/s do

² Entende-se a cidade como “lugar onde se produz um estilo de vida que aglomera diferentes culturas e modos de produção, ainda que alguns sejam dominantes em relação a outros (CAVALCANTI, 2008)

espaço geográfico no contexto das relações entre a sociedade, o trabalho e a natureza, eixos considerados importantes na Educação de Jovens e Adultos.

As atividades de estudo do meio favorecem, igualmente, a apreensão do lugar do educando/a, que ao identificar os problemas, visa discutir causas, consequências e (pro)posições.

A alfabetização cartográfica pensada não somente como aspecto de localização, mas também de representação deve possibilitar ao educando/a o conhecimento da configuração cartográfica da sua cidade, para que possa localizar-se utilizando-se de referenciais como mapas de ruas, plantas de espaços já conhecidos ou ainda por conhecer.

A elaboração de relatos do cotidiano e de mapas mentais possibilita aos jovens e adultos evidenciar os seus saberes espaciais da experiência e refletir a respeito de suas geografias.

Com Resende (1986) e Santos (2008) reafirma-se a existência de geografia(s) do aluno trabalhador. Jovens e adultos trabalhadores que atuam em um “mundo de responsabilidades, injustiças e desigualdades perpetradas em grande medida pelas relações de trabalho” (SANTOS, 2008, p. 314). Com eles também podemos discutir “direitos, racismos, sexismos, preconceito linguístico e cultural, além de uma gama variada de tensões cotidianas (id., p 34).

Por fim, reafirma-se com Cavalcanti (2008, p. 64) que “a geografia é uma leitura, uma determinada leitura da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade [...] feita pela perspectiva social [...]”; e com Moreira (1994, p. 56) que as temáticas geográficas “fazem parte do cotidiano das pessoas”, portanto da sua existência, daí porque se constituem como populares.

Considerações finais

Entendemos, neste artigo, a necessidade de inserção dos conhecimentos geográficos como conhecimentos de realidade, considerando-se esta como espaço geográfico, cuja abordagem deve inserir o movimento entre as diversas escalas geográficas.

A Geografia escolar abarca conhecimentos relacionados as ciências humanas, sociais e naturais, cabe-nos indagar a respeito da forma de organização dos conteúdos. Seriam as temáticas o elo de ligação? A abordagem metodológica da problematização

seria a mais adequada no contexto da EJA? A diversidade de linguagens serviria de mote para a discussão dos sujeitos a respeito dos conhecimentos geográficos?

Faz-se necessário estabelecer as singularidades, possibilidades e diferenças existentes entre o material didático, o uso didático de um material e a atuação didática do professor/a na EJA.

O texto didático e/ou do livro didático, geralmente, aborda o plano fenomênico e que há uma diversidade de recursos em linguagens também diferenciadas que podem ser utilizados como materiais didáticos potencializadores da discussão e entendimentos na sala de aula. A postura e atuação do educador/a contribuem, igualmente, para que sejam feitas análises mais aprofundadas.

Para ensinar e aprender Geografia na EJA o educando/a deve ser considerado sujeito ativo de seu processo de aprendizagem, assim como o educador/a, sujeito ativo na mediação do educando/a com os objetos de conhecimento, sendo que nesse papel de mediador são fundamentais os conceitos geográficos de que eles próprios dispõem, enfim, são relevantes seus saberes geográficos (CAVALCANTI, 2002a).

Freire (2005) fala-nos de um ser fazer espacial como algo inerente ao ser humano. Nesse sentido, seria a tomada de consciência do meio circundante ou da realidade que institui o ser fazer espacial dos sujeitos.

[...] É um comportar-se do homem frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano. Absorvido pelo meio natural, responde a estímulos; e o êxito de suas respostas mede-se por sua maior ou menor adaptação: naturaliza-se. Desapegado de seu meio vital, por virtude da consciência, enfrenta as coisas objetivando-as, e enfrenta-se com elas, que deixam de ser simples estímulos, para se tornarem desafios. O meio envolvente não o fecha, limita-o – o que supõe a consciência do além-limite. Por isto, porque se projeta intencionalmente além do limite que tenta encerrá-la, pode a consciência desprender-se dele, liberar-se e objetivar, transubstanciando o meio físico em mundo humano [...] (FREIRE, 2005, p. 13).

Que o ser fazer espacial dos educandos/as e educadores/as da EJA possa ser exercitado desde a sala de aula para ensinar e aprender Geografia.

Referências

BOGO, Jordana; STEIN, Sofia Inês Albornoz. Os conceitos geográficos como possibilidade de leitura de mundo. **In: IV Congresso Internacional do Centro De Filosofia e Educação**. Caxias do Sul/RS, 2008 (Anais eletrônicos).

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Mudanças na prática docente: espaços não formais e o uso da linguagem cartográfica. In: **12º Encontro de Geógrafos de America Latina**: Montevideu, Uruguay, 2009 (Anais eletrônicos).

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas-SP: Papyrus, 2008. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia/GO, Editora Alternativa, 2002a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Prefácio de Ladislau Dowbor. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo, Olho d, Água, 1995.

KAERCHER, N. A. ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. NEVES, I. C. B. *et all* (orgs). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas** (4 ed.). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

MARTINS, Vivian Christine. **A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos**: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários. São Paulo: USP, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana).

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOURA, Tânia Maria de Melo; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. Currículo, Cultura e Diversidade Cultural nos Livros Didáticos: olhares e dizeres dos sujeitos da educação de jovens e adultos. In: **Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**: diferença nas políticas de currículo. João Pessoa/PB, 2009.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. Ler o Espaço para Compreender o Mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. In: **Revista Tamoios**, nº 2, jul/dez, 2005, p. 17-24. Rio de Janeiro: UERJ / FFP / Departamento de Geografia.

REICHWALD JR., G. leitura e escrita na geografia ontem e hoje. In: NEVES, I. C. B. *et all* (orgs). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas** (4 ed.). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS, Enio José Serra dos. **Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores**: concepções, políticas e propostas curriculares. Niterói-RJ/UFF, 2008. Tese (Doutorado em Educação).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2004.